

## O SENTIDO DO ENSINO DA METÁFORA E DA METONÍMIA

**Juliana Lopes Melo Ferreira Sabino<sup>1</sup>**

julianalopes20@hotmail.com

**RESUMO:** O presente estudo visa apresentar alguns usos que se podem fazer e reflexões acerca do ensino da metáfora e da metonímia em sala de aula, na tentativa de despertar à atenção de docentes de língua portuguesa sobre a importância de se trabalhar diferentes formas para que os alunos possam unir teoria e prática em sua realidade. Podemos notar um crescente interesse voltado à interação entre a metáfora e a metonímia, no entanto, em sala de aula, e até mesmo em estudos, essas noções voltam-se exclusivamente à modalidade verbal, marginalizando outros modos, como os imagéticos. Em sala de aula, podemos notar um ensino voltado à visão tradicional sobre essas figuras, a qual vê no educando um receptáculo passivo dos chamados conteúdos programáticos. Nesse sentido, a instituição escolar não lhe possibilita a relação do que é visto em sala de aula e o seu exterior. Assim, não contempla à realidade do discente, e o faz perceber essas figuras que permeiam em seu universo social de modo muito classificatório. Procuraremos demonstrar que as metáforas e as metonímias assumem um papel muito importante em nosso sistema conceitual e prático. Elas transcendem à mera reflexão, subsidiam a construir em parte nossa realidade social e, portanto, o uso das mesmas afetam e é afetado pelo contexto social em que se desenvolve. Pretendemos demonstrar a forma pela qual a metáfora e a metonímia podem ser codificadas por meio de imagens. Como resultado, veremos que a metáfora e a metonímia podem ser profícuas no ensino de língua portuguesa, utilizando-se de textos imagéticos, contidos em propagandas e charges, por exemplo. Ademais, as figuras supracitadas podem ser consideradas uma das formas de se analisar um determinado texto multimodal, haja vista que a partir delas podemos perceber que a imagem não somente completa o verbal, mas ela está atrelada ao verbal na produção do sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** metáfora; metonímia; imagético.

**ABSTRACT:** This study aims to present some uses that can be done and reflections on metaphor teaching and metonymy in the classroom, trying to get the attention of Portuguese-speaking teachers to the importance of working different ways for students to unite theory and practice in their reality. We can note a growing interest focused on the interaction between metaphor and metonymy, however, in the classroom, and even in studies, these notions focus exclusively on the verbal mode, marginalizing other ways, such as imagery. In the classroom, we can notice an education geared to the traditional view of teaching and learning about these figures, and you see the learner as a passive receptacle of so-called syllabus. In this sense, the educational institution does not allow the relationship of what is seen in the classroom and the exterior. Thus, it does not cover the student's reality and makes you realize these figures that permeate their social universe of qualifying so far. We try to show that metaphor and metonymy play an important role in our conceptual and practical system. Much more than reflect, they help build part of our social reality, so the use of it affects and is affected by the social

context in which it develops. We intend to demonstrate the manner in which the metaphor and metonymy can be coded by means of images. As a result, we see that metaphor and metonymy can be fruitful in Portuguese language teaching, using imagery of texts, contained in advertisements and cartoons, for example. Moreover, the above figures can be

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica, MG.

identified as a means of analyzing a particular multimodal text, given that from them we can see that the incomplete image only verbal, but it is linked to the production of verbal sense.

**KEYWORDS:** metaphor; metonymy; imagery.

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo geral apresentar um quadro de reflexões acerca do que se denomina por metonímia e por metáfora, e também intenta chamar a atenção de docentes de língua portuguesa sobre a importância de se trabalhar em sala de aula essas figuras sob diferentes formas para que os alunos, possivelmente, expressem suas ideias de forma mais criativa.

Vivemos num mundo permeado de significados, os quais estão no interior do homem, advindos pelo laço que se estabelece no corpo social, e devido aos modelos simbólicos, essa coletividade troca recordações, sentimentos, sonhos, conhecimentos etc.

Conforme Azeredo (2009), no que tange às figuras de linguagem, além de conferir aos textos maior expressividade como comumente é explicitado em gramáticas e livros didáticos, há de se observar a função dessas figuras na tessitura do discurso, bem como a importância delas para a constituição do sentido em dado texto, e que “sua significação emana das combinações de que elas participam nos contextos situacional e linguístico de sua ocorrência” Azeredo (2009, p. 484).

Ao iniciar sua discussão sobre as figuras de linguagem, Azeredo afirma haver nelas os valores afetivos e os estéticos, destacados por meio de procedimentos. Os de valor estético ou a de linguagem estética por ele nomeada “visa a um efeito impressionante provocado pelas formas criativas da linguagem com finalidade artística” (AZEREDO, 2009, p. 480). O propósito comunicativo é o da autotelia, que está atrelada à estruturação do texto, atribuindo-lhe um valor poético. Ainda conforme o autor, em relação ao olhar de apreciação estética, ele postula: “a palavra aqui não vale tanto pelo que ela proclama; o seu valor relevante reside no que ela é capaz de provocar

esteticamente no espírito do interlocutor” (AZEREDO, *op.cit.*, p. 481). Nesse sentido, podemos ilustrar com a distinção entre a palavra *lar* e as palavras *moradia* ou *casa*, por exemplo. A primeira evoca a ideia de repouso, de refúgio, de descanso, o que faz o interlocutor refletir e meditar. Já a *casa* remete a uma construção de cimento e tijolos. Essa distinção nos faz pensar nas escolhas ao se produzir um determinado texto, e refletirmos sobre o “como” as coisas são ditas e organizadas. O *lar* é percebido como um lugar onde construímos nossos valores e princípios, o lugar onde as pessoas se reúnem para compartilhar sentimentos. Por outro lado, a *casa* é apenas um abrigo para o calor, o frio, para dormir, alimentar-se e tomar um banho.

Em relação ao valor afetivo ou linguagem afetiva, Azeredo (2009, p. 482) afirma que é “forma capaz de reforçar a expressão dos sentimentos de simpatia, paixão, euforia, entusiasmo ou repulsa despertados pelas ideias enunciadas”, e visa à provocação dos efeitos de afetividade. Em seguida, o autor se debruça sobre as figuras de linguagem, consideradas não como enfeites, mas definidas como formas simbólicas para fazer revelar as ideias, os significados, os pensamentos.

A partir da constatação da importância desse meio de expressão linguística – aqui focaremos o ensino das figuras, especialmente a metonímia e a metáfora – visamos discutir e propor uma sucinta reflexão, com alguns exemplos que talvez possam contribuir para a tarefa didática dos professores de Língua Portuguesa em sala de aula. Além disso, buscar-se-á propor uma discussão da metonímia e da metáfora, como fenômenos multimodais, por meio de exemplos que se manifestam não somente no pensamento e se materializam em texto, mas também em gestos, sons e imagéticos.

## **1. Algumas considerações sobre a metonímia e a metáfora**

A partir de Aristóteles em *Poética*, o termo metáfora passou a ser pesquisado. Há um consenso entre os estudiosos sobre a relevância que a metáfora ocupa. A título de ilustração, Mauthner (1923) discorre sobre a metáfora como essencial à língua, pois esta se expande por meio daquela. Para o autor, a própria língua é uma metáfora. Nessa esteira, ao definir o conceito de metáfora, Vilela (1996) afirma que:

A metáfora não é apenas nem sobretudo um produto da imaginação poética ou ornato retórico, assim como não é um simples uso extraordinário da língua ou algo apenas ligado a palavra, mas sim algo que é típico da língua e da sua construção. (...) a metáfora foi sempre (ou quase sempre) vista como enriquecedora da linguagem, na medida em que a disponibilizava para configurar a realidade de modo diferente e mais matizado. (Vilela, 1996, p. 327).

Conforme Azeredo (2009, p. 486), a metáfora “é um meio de nomear um conceito de um dado domínio de conhecimento pelo emprego de uma palavra usual em outro domínio”. Como exemplo, o autor utiliza o jargão furo ou *scoop* (em inglês), que é inerente ao domínio discursivo jornalístico, como furo de reportagem. Assim, define dado signo que se refere a um campo discursivo, no caso aqui o jornalístico, mas com um termo advindo de outro domínio discursivo, o do cotidiano. Neste último, podemos compreender o significado do verbo furar como o de abrir/romper furos, de modo a ultrapassar a espessura de alguma coisa. O furo do âmbito cotidiano foi transferido para outro universo, para um modo de enunciação autenticante, nos termos de Jost (1999), que se compromete com a veracidade dos fatos, e reporta uma dada informação publicada em um veículo de comunicação antes de todos os outros veículos. Em outras palavras, o jargão jornalístico *furo* foi criado no âmago das redações em referência à notícia exclusiva, a que o interlocutor recebe em “primeira mão”. Outros exemplos de Azeredo (2009) demonstram que as metáforas estão por toda a parte e não somente como é mostrado, de forma engessada, nos livros didáticos e manuais de gramáticas. Entre os exemplos de Azeredo (*op.cit.*), vale destacar um excerto de Quintana “A Noite é uma enorme Esfinge de granito negro” onde há a presentificação de imagens imprevisíveis, as quais se forem interpretadas literalmente, a compreensão não será profícua dada à impertinência semântica.

Mesmo que o olhar desse trabalho não esteja voltado para a alegoria, podemos comentar, de forma sucinta, como isso ainda é trabalhado em sala de aula. A partir de observações e de relatos de outros professores, os fenômenos da alegoria passam apenas por uma conceituação como uma sucessão de metáforas. Talvez a alegoria seja mais explorada na literatura, na qual se utiliza de personagens literários, por exemplo, na tentativa de representar conceitos, mas pouco trabalhados, em sala de aula, fora da literatura.

Ademais, a metáfora é um recurso que faz parte de nossa linguagem do dia a dia. Ela permeia os nossos discursos, o nosso pensamento, as formas de se fazer compreender e de compreender o outro, de conseguir a adesão do outro. Sem esse recurso, o sentido da mensagem que pretendemos passar ao outro não causaria tanto efeito de sentido ou até mesmo se perderia. Assim, conforme Silva (2003, p. 2) “a metáfora é um importante mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais abstratos e intangíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato”.

Conforme Lakoff e Johnson (1980) nós realizamos as definições, em grande parte, por meio das metáforas, haja vista que reflete justamente a maneira como proferimos e atuamos no mundo.

Passaremos adiante a discutir, sucintamente, sobre a metonímia.

Al-Sharafi (2004) considera que o potencial da metonímia tem sido bastante desvalorizado e que tem havido redução teórica, pois a metonímia tem sido considerada como simples substituição de palavras sem, ao menos, considerarem a importância pragmática e cognitiva. O autor ainda pontua a redução prática, isto é, trabalhos se debruçando sobre o papel da metonímia ao nível da substituição lexical, deixando à margem seu potencial no nível do texto. Adiante, abordaremos sobre a conceituação das figuras de linguagem de modo geral, e em especial, a noção de metonímia.

Consta na literatura sobre o assunto que figura de linguagem é um recurso de linguagem que consiste em apresentar uma ideia por meio de combinações incomuns de palavras. A função principal da linguagem figurada é a de provocar uma surpresa no leitor, fazendo com que este preste atenção não somente no que o autor diz, mas em como se construiu o texto. Essa surpresa decorre de um desvio em relação à linguagem predominantemente informativa. Faraco e Moura (2003) afirmam que esse desvio é designado como ‘figura’. Para os autores, as figuras não devem ser consideradas como “enfeites” ou “ornamentos”. Seu emprego tem um objetivo: o de alcançar maior expressividade, chamando a atenção do leitor para a própria língua. E, embora sejam mais frequentes na literatura, as figuras podem:

ocorrer em qualquer situação de comunicação: na propaganda, na fala coloquial (principalmente quando se emprega gíria), na imprensa (notícias populares), nas letras de música, internet, e etc. É um erro, portanto, supor que figuras de linguagem, ou de estilo, como também são conhecidas, “são exclusivamente do texto literário. (Faraco e Moura, 2003, p.572-573).

No entanto, de acordo com Faraco e Moura (*op.cit.*), deve-se fazer uma distinção entre o *objetivo* do emprego da figura nas diferentes situações. Os autores exemplificam o ponto de vista fornecendo exemplos de situações em que se utiliza esse tipo de figura:

na propaganda [...] para chamar a atenção para o produto, a fim de que o receptor o consuma; na gíria, [...] procura diferenciar determinado grupo (jovens X mais velhos, por exemplo); na imprensa, para provocar curiosidade sobre a notícia e, conseqüentemente, vender o jornal. [...] Na música, na literatura e na internet, a finalidade primordial é atender à necessidade do autor. (Faraco e Moura, 2003, p. 73)

Em relação ao que os gramáticos compreendem por “metonímia” temos o seguinte. Para Rocha Lima, a metonímia se sustenta em uma relação de contigüidade.

O teórico francês, Alain Frontier afirma que a metonímia, antes de tudo, é um "estilo", uma maneira peculiar de contemplar o que há ao redor, não tão-somente uma "figura de retórica", como os manuais redutoramente a classificam. Frontier ainda acrescenta que pela metáfora somos transportados a outro mundo, talvez melhor do que este, enquanto, pela metonímia, ao contrário, não nos afastamos nem nos distanciamos do mundo que se oferece aos nossos olhos, como se nele de fato estivéssemos instalados.

## **2. Visão tradicional de ensino-aprendizagem de metonímias: percepção classificatória**

Podemos notar um crescente interesse voltado à metonímia. No entanto, em sala de aula, e até mesmo em estudos, essa noção volta-se exclusivamente à modalidade verbal, marginalizando outros modos, como os imagéticos. Em sala de aula, podemos notar um estudo voltado à visão tradicional de ensino-aprendizagem sobre essa figura, e que vê no educando um receptáculo passivo dos chamados conteúdos programáticos. Nesse sentido, a instituição escolar não lhe possibilita a relação do que é visto em sala de aula e o seu exterior. Assim, não contempla a realidade do discente e o faz perceber as figuras que permeiam em seu universo social de modo muito classificatório.

A preferência por esse modo de representação - estilo metonímico - não nasce de um gosto particular, de uma vontade íntima e expressional ou de um capricho de escritor, mas, sim, da necessidade que este tem de dizer, informar, configurar e apreender esteticamente o mundo que toma por alvo.

Al-Sharafi (2004) postula que há quatro processos inerentes à significação metonímica, os quais são: (i) a designação por meio da escolha de um correspondente; (ii) um processo de abstraimento da relação de contiguidade entre os seus correspondentes; (iii) o entendimento dessas relações; e (iv) o encerramento do processo metonímico designando alguma coisa por um nome que não lhe é concebido, mas com a qual mantém uma relação. A título de ilustração, podemos exemplificar a partir de Aristóteles, o “lançar ferro”, em que ferro está associado à âncora.

O conceito mais recorrente de metonímia é o da ideia de um termo que é substituído por outro, estabelecendo uma associação por contiguidade, a parte que substitui o todo, como em “Várias pernas passavam apressadamente”, sendo a palavra pessoas substituída por pernas. Outros exemplos: "Palácio do Planalto", utilizado como uma instância de metonímia para representar a presidência do Brasil, por ser esse o

nome do edifício do Governo Federal; "Hollywood", usado como uma metonímia para a indústria de cinema dos Estados Unidos, por causa da fama e identidade cultural de Hollywood, um distrito da cidade de Los Angeles, Califórnia, como o centro histórico de estúdios e estrelas de cinema.

No entanto, não é somente materializado por escrito ou no pensamento que o procedimento metonímico de produção de sentido está atualizado, mas igualmente em ações, corporificadas por multissemoses, que viabilizam a união de diferentes recursos em uma mesma superfície de leitura como ícones, gestos, sons, imagéticos e, claro, a linguagem verbal. Nesse sentido, iremos mostrar um exemplo de uma cena, em metonímia que poderá ser trabalhada em sala de aula, evitando uma visão redutora do ensino dessa figura. Mas antes, para contrastar, vejamos abaixo um exemplo retirado de um site, que demonstra uma perspectiva descritiva e formal da língua, com as incansáveis listas que são (re)produzidas pelas gramáticas e manuais tradicionais.

#### Metonímia

A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo:

- 1 - Autor pela obra: Gosto de ler **Machado de Assis**. (= Gosto de ler a obra literária de Machado de Assis.)
- 2 - Inventor pelo invento: **Édson** ilumina o mundo. (= As **lâmpadas** iluminam o mundo.)
- 3 - Símbolo pelo objeto simbolizado: Não te afastes da **cruz**. (= Não te afastes da **religião**.)
- 4 - Lugar pelo produto do lugar: Fumei um saboroso **havana**. (= Fumei um saboroso **charuto**.)
- 5 - Efeito pela causa: Sócrates bebeu a **morte**. (= Sócrates tomou **veneno**.)
- 6 - Causa pelo efeito: Moro no campo e como do **meu trabalho**. (= Moro no campo e como o **alimento que produzo**.)
- 7 - Continente pelo conteúdo: Bebeu o **cálice** todo. (= Bebeu todo o **líquido** que estava no cálice.)
- 8 - Instrumento pela pessoa que utiliza: Os **microfones** foram atrás dos jogadores. (= Os **repórteres** foram atrás dos jogadores.)
- 9 - Parte pelo todo: Várias **pernas** passavam apressadamente. (= Várias **pessoas** passavam apressadamente.)
- 10 - Gênero pela espécie: Os **mortais** pensam e sofrem nesse mundo. (= Os **homens** pensam e sofrem nesse mundo.)

**Figura 1:** Definição e exemplos retirados do site Só Português. Acessado no dia 03/11/2015.

A partir de observações em grande parte dos livros didáticos e sites de pesquisa, como o excerto acima, o que podemos notar é uma visão redutora que se tem sobre a figura metonímia, que constitui parte de nossa linguagem, uma questão que poderia ser mais explorada. Uma concepção que, infelizmente, ainda perpetua, e que não transcende a mera definição de substituição de palavras. A metonímia ultrapassa essa definição, abrange as ilimitadas possibilidades de ocorrências. A apresentação da conceituação dessa figura, em gramáticas – as classificadas normativas, em sua maioria -, e em livros didáticos está sob a forma de arranjos e

exemplos prontos e acabados, que nada ou pouco inovam, e que incitam o educando a simplesmente memorizar esse conjunto e identificá-los em atividades que nada contribuem para um ensino crítico da língua.

### **3. Alguns exemplos como sugestões para se trabalhar em sala de aula**

Começamos com um exemplo retirado do site da BBC, que discute sobre um gesto da cultura árabe: a de lançar sapatos, o que implica em um insulto gravíssimo. Uma das imagens que repercutiu foi a do pôster com a foto de George Bush, cercado de sapatos, no sul do Líbano, em 2006. O ato de jogar os sapatos no pôster do então presidente dos EUA foi provocado pelo jornalista iraquiano durante uma coletiva para a imprensa em Bagdá. Conforme Martin Asser da BBC News “No mundo árabe, se você ameaça uma pessoa com a frase "vou te bater" e acrescenta as palavras "com um sapato", esta ameaça implica não apenas uma agressão física, mas também um insulto gravíssimo”. Asser ilustra com outro exemplo, a de Condolezza Rice, ex-secretária de segurança de Estado, que recebeu o apelido de sapato (kundara), considerado um grande insulto.

Vejamos alguns exemplos de gestos que podem causar mal entendidos, e que conforme Mendonça e Faria (2010) são reveladores do fenômeno da metonímia e da metáfora,

O gesto é, como qualquer imagem, ao mesmo tempo uma metáfora e uma metonímia. É uma metáfora, pois sua imagem é capaz de evocar uma representação sígnica. Ao vermos o gesto, conseguimos visualizar traços de sentido comuns com uma outra idéia. E o gesto também é metonímia porque sempre remete ao congelamento do movimento, que representaria o todo. O gesto fraciona e apresenta a parte para dizer do corpo todo. O gestual é sempre uma parte da escrita do corpo. (Mendonça e Faria, 2010, p. 121).

Em alguns países, o gesto de mostrar a palma das mãos é considerado comum, com o significado de dizer “pare”. Já na Grécia, voltar as palmas para uma pessoa é um gesto altamente ofensivo. No Brasil, o gesto sinal de positivo com o polegar é sinal de aprovação, no entanto, na Tailândia, o sinal é sinônimo de desaprovação, típico das crianças tailandesas, equivalente ao mostrar a língua aqui no Brasil. Em Bangladesh e no Irã, o gesto é altamente ofensivo e tem o mesmo significado de mostrar o dedo do meio para nós. O gesto chamar com o indicador em sinal de dizer “venha cá” não é recomendável em diversos países asiáticos. Nas Filipinas, por exemplo, esse gesto é utilizado apenas para cachorros, e, ao utilizá-lo, revela-se depreciação. Em relação ao sinal de V com os dedos, em 1992, o então presidente dos Estados Unidos, George

Bush, visitou a Austrália e, da janela de sua Limousine, ergueu seus dedos médio e indicador em forma de V. Com a palma virada para fora, o V significa vitória na Inglaterra e paz nos Estados Unidos, sendo um gesto muito comum. Infelizmente, Bush fez o sinal com a palma virada para dentro, o equivalente – em palavras sutis – ao “dane-se”. Assim, conforme Gil (1997), os mesmos gestos podem, em culturas distintas, terem significados distintos como supracitado.

Retomando a cultura árabe, a dos sapatos, segundo a tradição, os conceitos de sujeira e degradação simbolizados pelo sapato cruzam todas as fronteiras religiosas no Oriente Médio. O simples ato de mostrar a sola do sapato a alguém revela o desrespeito. Os sapatos, são assim metonímicos de associação com a sola, a parte que encosta na sujeira contida no chão. Na cultura mulçumana, os sapatos são proibidos de serem utilizados nas mesquitas.

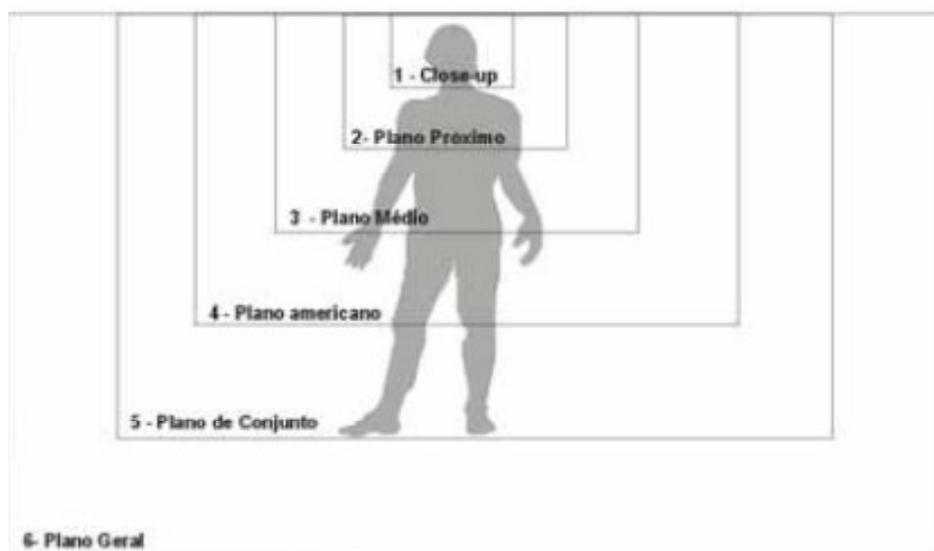
Podemos depreender que os símbolos supracitados, considerados metonímias, projetam aspectos de uma dada cultura. O exemplo do “atirar o sapato” projeta a metonímia de toda a cena de Bush, isto é, aciona todo aquele contexto em que foi gerado. Assim, a metonímia está presente não somente em linguagens verbais e em nossos pensamentos, ela transcende, está presente em múltiplas semioses da comunicação humana, em gestos, etc.

Outro exemplo imagético com o qual podemos ilustrar o uso da metonímia é o vídeo de uma campanha da *Embrace Life* sobre a importância da utilização do cinto de segurança. O vídeo está postado no *youtube*, intitulado “A melhor propaganda - Use cinto de segurança”, com mais de quarenta e nove mil visualizações.

Nesse vídeo há a imagem de um homem e sua família dentro de um automóvel. O homem, ao volante, é enquadrado da cintura para cima pela câmera. O ângulo da câmera foca a cada momento uma parte do sujeito: em um primeiro momento, é focada a mão, que insinua girar a chave; em um segundo momento, é focado o pé, que sugere pisar no pedal para dar a partida; em um terceiro momento, “o condutor” posiciona o volante. Assim, o vídeo lança mão da metonímia como recurso narrativo e como recurso para as emoções contidas em gestos.

Tem-se, por último, o gesto de colocar o cinto de segurança a partir das mãos da filha e da esposa que se unem ao corpo do condutor, o que constitui um recurso metonímico. A partir desse momento, “o condutor” é mostrado sob o plano médio e sua filha sob o plano *close*. O plano médio é o enquadramento da cintura para cima. Gage e Meyer (1991) postulam que, ao utilizar esse plano, grande parte do fundo torna-se

abolida, visando destacar a pessoa como o centro das atenções. Já no plano em *close* ou grande plano, “a câmera se aproxima, mostrando meramente ombros e cabeça, com foco num detalhe do objeto, do participante ou apresentador. O cenário é praticamente eliminado” (Sabino, 2013, p. 97), o que produz efeito de intimidade (Charaudeau, 1997). Nos dois planos, os sujeitos são tomados como foco e, em especial, os seus olhares, que revelam temor frente à situação que está por vir: a de um possível acidente entre carros devido à não utilização do cinto de segurança. Para facilitar a compreensão acima acerca dos planos fílmicos, segue abaixo a disposição desses a partir de Gage e Meyer (1991):



**Figura 2:** Posicionamento de câmera a partir de Gage e Meyer (1991)

Na figura anterior, podemos perceber que os planos são classificados conforme o tamanho da figura humana dentro do quadro. Assim, os planos podem ser compreendidos como uma imagem capturada por uma câmera, de forma a enquadrá-la.

Retomando o vídeo acima, a instância de produção projeta apenas a parte do condutor quando está ao volante, tendo como foco a sua face. O som, as imagens, as feições e toda a narratividade presentes no vídeo conseguem descrever o ato iminente de um acidente. Ao enfatizar apenas partes do sujeito condutor, que traz os implícitos do que constitui essas partes, faz dispensar a contemplação do corpo como um todo, pois é possível construir o restante da realidade do ato.

Podemos perceber, de maneira geral, que as propagandas desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial, emocional e racional, integrando imagens e músicas que fazem mexer com os sentimentos das pessoas, ocasionando um forte impacto emocional, facilitando a recepção das mensagens. Aliado às imagens e a toda a narrativa tem-se a musicalidade, que produz um efeito de sensibilização, estratégia para

captar ainda mais a atenção do telespectador. O recurso sonoro empregado pela instância de produção, somados às imagens acentuam o efeito de sentido de conscientização do auditório a atingir, provavelmente, acionando na memória desse auditório lembranças, emoções, sentimentos etc. Assim, a conjugação da música com as cenas convida o interlocutor a contemplar o espaço cenográfico. Em determinado ponto da música, há uma nota dissonante, ou seja, as notas não se fundem numa harmonia perfeita com as anteriores, que leva o interlocutor a presumir que algo está para acontecer, no caso, o “acidente”, e depois retoma com a harmonia de antes, pois a tragédia foi evitada em função do uso do cinto de segurança simbolizado pelas mãos de sua filha e de sua esposa.

O corpo fragmentado do sujeito-condutor demonstra a metonímia pela qual trabalha o dispositivo imagético. A visão do corpo/do todo é justamente definida pelos movimentos da cabeça, expressões faciais, pelos objetos, pelos estilhaços que correspondem aos vidros quebrados, provocados pela suposta batida, pelos sons emitidos. Tudo isso coopera para a constituição da narração que a instância almeja transmitir e a peça-chave de comunicação nesse vídeo talvez seja as faces dos sujeitos envolvidos.

A metonímia assume um papel muito importante em nosso sistema conceitual e prático. Muito mais que refletir, elas ajudam a construir em parte nossa realidade social, portanto, o uso da mesma afeta e é afetado pelo contexto social em que se desenvolve. Tentamos demonstrar que a metonímia pode ser codificada por meio de imagens, e não tão somente por textos escritos como é praticado em sala de aula. O estudo sobre a metonímia pode ser profícuo no ensino de língua portuguesa, utilizando-se de textos imagéticos, contidos em gêneros dos mais diversos, como propagandas, etc. Ademais, a figura supracitada pode ser considerada uma das formas de se analisar um determinado texto multimodal, haja vista que a partir dela podemos perceber que a imagem não somente completa o verbal, mas está atrelada ao verbal na produção do sentido. É importante ressaltar sobre a importância que essa e outras figuras assumem, conferindo a elas um status maior na produção de sentido.

#### **4. As metonímias e as metáforas na construção de nossa realidade social**

Conforme Lakoff e Johnson (2002), a metonímia abrange dimensões além do estritamente linguístico, como no simbolismo cultural, em gestos humanos e na

iconicidade. Radden (2005) postula que as metonímias podem também ser visualizadas em representações visuais, outrossim, como ocorre na linguagem. Além dessas representações, a metonímia se estende para outros domínios, como os do mundo da magia, os fictícios. Nessa esteira, Rocha (2005) se debruça sobre os gêneros contos de fada na tentativa de demonstrar os processos metonímicos.

Existe alguma "magia" que une tais dispositivos, que tem como pano de fundo o processo cognitivo da metonímia, operação mental comum aos seres humanos. Mais especificamente, tais dispositivos literários ou cênicos podem ser relacionados a metonímia produto por processo. Por exemplo: quando na versão de Perrault, a fada madrinha de Cinderela lhe concede um vestido de baile por meio de uma varinha de condão, preconizasse que a aparição repentina de um objeto está ancorada nessa metonímia. A confecção do vestido (processo) é subfocalizada, a ponto de não fazer parte da história, constituindo uma edição da narrativa; ao passo que o vestido (produto), pela relevância que possui na história, é focalizado. (Rocha, 2005, p. 2)

A metonímia deve ser analisada para além do seu conceito tradicional enquanto figura de linguagem. Panther e Thornburg (1999) definem as metonímias como esquemas naturais de inferência, por meio das quais se estabelece uma ligação entre conceitos. Assim, pode-se dizer que a metonímia transcende o atributo de simples processo de deslocamento de referência. Ao observarmos as gramáticas tradicionais, nos deparamos com uma visão estática e muito limitada sobre as propriedades dessa figura, como mostra a figura 1, pois não vai além da batida definição “substituição de palavras”.

Algo que se torna muito comum no ensino das figuras de linguagem é a forma descontextualizada como são trabalhadas em sala de aula, com frases soltas e sem sentido, como é também percebido no ensino de outros conteúdos programáticos. O enunciado "O Ministério da Fazenda disse que vai aumentar as taxas de juros" revela a instituição pela pessoa responsável e exemplifica as relações conceituais da ordem da metonímia. A sentença supracitada, típica do cotidiano, é uma instância dessa conceptualização, a qual poderia ser trabalhada considerando o gênero, o suporte, a instância de produção, enfim, toda a cena enunciativa para que ela possa fazer, de fato, sentido para o educando, e não como uma conceituação a ser memorizada como tantas outras para mais a frente cair no esquecimento.

Lakoff (1987) pontua que a metonímia está associada a modelos culturais mentalmente registrados, e ressalta que esse processo se trata de propriedade basilares da cognição. Para ele, parte desse modelo é usado na troca do todo no intuito de se realizarem inferências e julgamentos. Em seu estudo sobre a categoria mãe, o autor afirma que a mãe *dona de casa* pode substituir uma categoria maior/completa de mãe.

Lakoff defende que os estereótipos também são considerados como metonímia, mas que aqui não iremos discutir. Ainda Lakoff elenca algumas características para o modelo metonímico:

- (i) A compreensão de um conceito alvo A em função de uma finalidade em um determinado contexto;
- (ii) Existência de uma estrutura conceptual que abarca A e B;
- (iii) B é qualquer parte de A ou uma combinação adjunta de A na estrutura conceptual;
- (iv) A seleção de B produz A dentro da estrutura conceptual;
- (v) Em comparação com A, o conceito B se torna mais compreensível, memorável e discernido;
- (vi) O modelo metonímico se pauta na relação de A e B em uma estrutura conceptual, e essa relação é especificada por uma função de B para A.

Vejamos o exemplo a seguir elucidado por Lakoff (1987): O sanduíche de presunto está esperando sua conta. O enunciado ilustra as características listadas acima, haja vista que, tem-se um mesmo âmbito conceitual atrelado a um lugar onde se faz lanches rápidos, e que o pedido está intimamente relacionado ao cliente. Assim, se utilizado por um garçom que estaria próximo ao caixa da lanchonete, esse enunciado ativaria no ouvinte o conhecimento implícito de que se faz necessário realizar o cálculo da conta para o cliente que pediu o sanduíche de presunto.

## 5. Considerações finais

O que podemos observar é que utilizamos largamente as figuras de linguagem, seja por qual meio for. Elas estão presentes nos três modos de enunciação, seja o lúdico, o autenticante, no qual se observa a realidade recorrendo ao argumento do real, e no modo ficcional, em que se tem a estratégia da criação, referindo-se, nos termos de Jost (1999), a um universo imaginário. No domínio científico, por exemplo, nos deparamos com várias metáforas, dentre algumas, destacamos: bacia abdominal, buraco negro, Big Bang, etc. Assim, mesmo no discurso científico, do qual se espera uma linguagem mais objetiva e que tenha o comprometimento com a veracidade das informações, se emprega as figuras de linguagem. Elas proporcionam maior expressividade, sem as quais seriam reduzidas as possibilidades e a força que a língua possui: uma constatação como *está*

*trovejando* produz um efeito de sentido, uma força diferente da do enunciado metafórico *o céu está com pigarro* (Guimarães Rosa).

A partir do exposto, podemos perceber que a metáfora e a metonímia são recursos recorrentes na linguagem do dia a dia, classificadas como estruturas de pensamento, e que esses procedimentos alargam o sentido de todo e qualquer texto.

Ademais, a abordagem que discutimos tentou transcender a perspectiva descritiva e classificatória dos manuais e gramáticas, propondo uma discussão mais concreta para a emergência do fenômeno, possibilitando ao aluno e professor construir sentidos, fazendo uso de seus conhecimentos prévios.

### Referências Bibliográficas

AL-SHARAFI, A. G. M. *Textual metonymy: A semiotic approach*. New York: Palgrave/MacMillan, 2004.

ARISTOTELES. *Poética*. In: Aristóteles [Coleção Os pensadores]. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

AZEREDO, José Carlos S. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2009.

CHARAUDEAU, P; GHIGLIONE, R. *A palavra confiscada. Um gênero televisivo: O talk show*. Instituto Piaget: Lisboa, 1997.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. 19.ed. São Paulo: Ática, 2003.

FRONTIER, Alain. *La Poésie*. Paris: Belin, 1992.

JOST, François. *Introduction à l'Analyse de la Télévision*. Paris: Elypses Editions Marketing, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

GAGE, D. Leighton; MEYER, Cláudio. *O filme publicitário*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, J. N. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio d'água, 1997.

MAUTHNER, F. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. 2. ed. Leipzig Felix Meiner Verlag, v.3, 1923.

MENDONÇA, C.M.C; FARIA, C.S. “Corpo de delito”: As subversões do gestual pornográfico em duas manifestações artísticas em ambientes digitais. *Logos 32 Comunicação e Audiovisual*, ano 17, nº 1, 2010.

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. The potentiality for actuality metonymy in English and Hungarian. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) *Metonymy in Language and Thought (Human Cognitive Processing)*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999.

RADDEN, Gunter. The ubiquity of metonymy. In: CAMPO, José Luis Otal; FERRANDO, Ignasi Navarro i; FORTUÑO, Begoña Bellés (orgs). *Cognitive and discourse approaches to metaphor and metonymy*. Castelló de La Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2005.

ROCHA LIMA, C.H da. *Gramática Normativa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.

ROCHA, Luiz Fernando Matos. O condão cognitivo: passe de mágica como metonímia. *Recorte: revista de linguagem, cultura e discurso*, v. 2, 2005.

SABINO, Juliana L.M.F. *Análise discursiva de entrevista e debates televisivos como parâmetro para indexação e recuperação de informações em um banco de dados audiovisuais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2011.

SILVA, A. S. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista portuguesa de humanidades*, v. 7, n. 1-2, 2003.

VILELA, Mário. A metáfora na instauração da linguagem: teoria e aplicação. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Línguas e Literaturas Modernas*, v. 13, 1996.